



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 15

Vitória-ES

Maio de 2013

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

GRAFFITE

**As telas cobichadas
não estão nas galerias**

Nesta edição: *Manuela Santos Neves - Gilberto Medeiros
Kamila Brumatti Bergamini - Marcio Martins
Carlos Papel - Lincoln Guimarães Dias - Vinicius Oliveira*

Seguinte:

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

Outro olhar sobre o grafite

Como nem tudo é colorido como as flores grafitadas que nascem entre as rachaduras no concreto das cidades, o artista plástico capixaba Nenna vê possibilidades entre o mundo acadêmico e a arte da rua, mas faz coro com os grafiteiros contra a dupla Os Gêmeos, notórios por pintar com permissão – para os grafiteiros, com permissão não é grafite. “Muito chatos, tanto na execução como nas temáticas”, disparou na entrevista que você confere a seguir.

Nenna começou sua atividade artística com a intervenção urbana (assim como é o grafite) ‘Estilingue’ em 1970. Passou por temporadas em Nova Iorque, Rio de Janeiro, Barcelo e atualmente está na

França, mas mantém representação no Brasil por meio da galeria Matias Brotas Arte Contemporânea.

Caderno D - A realização de bienais é uma mostra de uma mudança no estatuto do grafite perante o mundo da arte?

Nenna - Bienais são eventos fundamentadas na procura por forte presença midiática, através de novidades, conceitos, eventos paralelos, etc. É um processo que permeia praticamente todas as bienais internacionais. A inclusão do grafite passa por essa percepção, pois mesmo já sendo uma atividade comum ainda leva a questionamentos e até possibilidade de encrescas maiores, como na Bienal de Berlin 2012, em que um grupo de São Paulo transgrediu os limites do espaço destinado a suas atividades atingindo uma antiga igreja. Mas o reconhecimento do grafite pelas instituições é natural e merecido.

Grafite é para ser ensinado na academia, ou sua essência e objetivos contestatórios são incompatíveis com o mundo formal?

O grafite mais conhecido e divulgado se utiliza basicamente de pintura sobre suportes diversos, principalmente muros e paredes. Então o processo pode ser autodidata, como é comum na pintura, ou pode ser desencadeado no ambiente das artes plásticas, através de cursos em escolas e universidades que ensinam as técnicas pictóricas, como o uso do pincel e outros processos, como colagens,

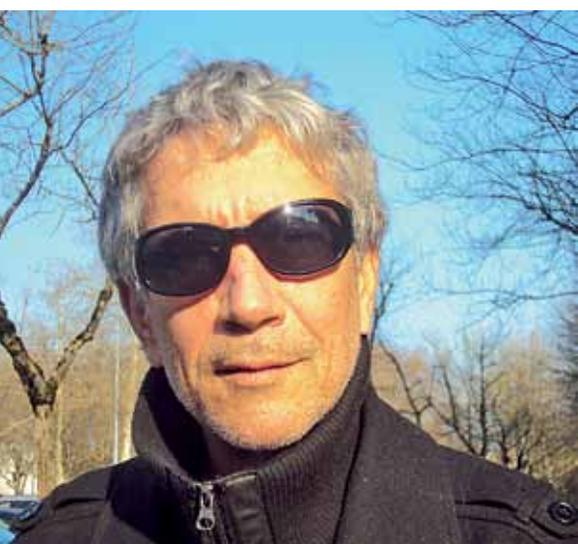
impressões e jatos de tinta, o conhecido spray industrial. Mas o ativismo ‘marginal’ pode incluir outros temperos como escalar paredes... Os grafites já existem, pelo menos, desde a Grécia e ainda podemos até mesmo considerar as pinturas rupestres como uma espécie de seu antepassado mais distante.

As artes plásticas incorporam as técnicas do grafite?

Acho que existe o diálogo, sim. Mas acredito ser mais predominante no sentido inverso: o grafite se apoderando dos processos pictóricos e conceituais da arte.

Quem, na sua avaliação, destaca-se no mundo grafitando atualmente?

Não sou apaixonado por grafites. Como também não sou por monumentos que somos obrigados a ver diariamente e ‘eternamente’. Prefiro obras públicas efêmeras, sendo grafites, intervenções ou qualquer outra possibilidade... Mas quando vem a pretensão da sua permanência na paisagem, me enche o saco. No caso dos abrigos em pontos de ônibus em Vitória, que conheci por fotografias em redes sociais, acredito que mereciam um diálogo mais demorado com a comunidade. Entre os grafiteiros mais conhecidos, considero Os Gêmeos muito chatos, tanto na execução como nas temáticas. Então destaco o londrino Banksy, como o que mais me surpreende. Todo o processo do Banksy é realmente bacana, inclusive o anonimato estratégico.



Magali Rencien



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

AMINTHAS LOUREIRO JÚNIOR
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

MIRIAN SCARDUA
Diretor Presidente

SAMIRA MASRUHA BORTOLINI KILL
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

CHRISTIANE GIMENES
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



Uma casa da *cultura*

As casas, assim como as ruas e as cidades, têm seus cheiros, têm seus ritmos, têm seus movimentos e têm pessoas que conferem e conformam a cada uma delas a alma própria. As casas, as cidades e as ruas têm seus tempos. Vitória é uma cidade de muitos tempos. O que recordo aqui é um tempo em que a vida na capital passava sem tanta pressa e tanto trânsito. Uma vida um tanto quanto previsível e rotineira. Vitória, nesse tempo, era uma cidade de alma pacata.

Era o início dos anos 70, o tempo a que me refiro, quando o mar ainda batia na calçada alta da Saturnino de Brito. Foi na época que uma das castanheiras que orlam a avenida amanheceu transformada num estilingue gigante, por inspiração e obra de Atilio Gomes, antes de Nenna¹. Vitória, junho de 1970, arte contemporânea intervindo na paisagem da Praia do Canto e indicando que a vida na cidade podia não ser assim tão morna, ao contrário do que aparentava. Viviam-se os anos da contracultura, das revoluções comportamentais e de novas propostas no campo das artes. O Estilingue na Saturnino de Brito indicava que aqui havia pessoas dispostas às novas experimentações e com vontade de novas expressões. E essas pessoas gostavam de se encontrar.

E havia lugares que serviam aos encontros delas, como as redações dos jornais, a Rua Sete de setembro, o infalível Britz Bar. Esses no

centro da cidade. Na Praia do Canto, as praias, o Iate Clube, e a casa de Victor e Branca Santos Neves, no alto do morro do Barro Vermelho, a casa freqüentada por quase todo mundo que fez a arte e a crônica da vida da capital nos agitados anos 70 do século que passou. Pois aquela era a casa onde Carmélia Maria de Souza (impossível não lembrá-la) tinha uma poltrona exclusiva que ocupava, cercada de amigos, por tardes e noites inteiras que por vezes lhe inspiravam uma crônica. Uma casa que ouviu ao vivo Os Mamíferos, que, segundo a lenda, foi a primeira banda do mundo a pintar o rosto como parte da performance. Isso antes de Alice Cooper e dos Secos e Molhados. A casa que expôs as primeiras pinturas de Luizah Dantas, então uma jovem estudante de design da UFES, e serviu aos ensaios do Grupo Teatro da Barra, de Paulo e Bob de Paula.

A casa de Victor e Branca tinha alma artística e acolhedora e assim permaneceu até o dia de sua derrubada, vítima, como tantas outras, da especulação que tornou a Praia do Canto um bairro quase só de prédios. Mas enquanto existiu, foi uma casa sempre em movimento que acompanhou e testemunhou muitas histórias de Vitória, do tempo que se dizia que esta ilha é uma delícia. ■



Manuela Santos Neves é jornalista

¹Para aqueles que não acompanharam a produção artística capixaba, Atilio Gomes e Nenna são nomes do mesmo artista plástico, mas em tempos diferentes.

CAPA

Quando o **MURO**

Gradativamente o mundo institucionalizado sinaliza para um diálogo com o renegado das artes visuais: o grafite que, para doutores, artistas plásticos e grafiteiros é, na verdade, filho direto das pinturas rupestres.

Criado para dar vazão à necessidade de mediação de ideias e rituais entre os homens, ele venceu os séculos resistindo a gregos, romanos, ao período das trevas, às grandes guerras e cresceu revigorado enquanto o mundo se liquefazia na pós-modernidade, sobretudo da virada dos 1970 para cá.

No Espírito Santo não é diferente e tem grafiteiro de malas prontas para mostrar sua arte em festivais na Europa, outros são instrutores do Centro de Referência da Juventude de Vitória e até mesmo empresas buscam a linguagem para se comunicar com novos públicos.

Inquietos, ele se organizam em coletivos, promovem exposições e batalhas de pintura, como ocorreu em abril no estúdio Tattoo da Lama, na Rua da Lama, reduto boêmio da região do campus da Ufes em Goiabeiras, Vitória.

Abrigado em galerias e bienais, pintado sob autorização na parede

externa de museus, debatidos em livros ou ensinado em oficinas nas escolas, o grafite pode bradar: vim, vi e venci!

Vá lá que o prestígio não seja suficiente, ainda, para o grafite ganhar espaço na academia entrando na grade curricular do curso de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Mas cresce o movimento feito para chegar a isso, inclusive com apoio de gente lá de dentro, como o professor doutor em Comunicação e Semiótica Valdelino Gonçalves dos Santos Filho.

Valdelino já ministrou disciplinas optativas sobre grafite para seus alunos. Ainda que pareça pouco, mostra que a perseverança é o caminho desses artistas para abrir espaço em meio aos outros meios.

“O grafite é a primeira expressão humana, é pai da linguagem verbal. Apesar de novas necessidades mudarem o grafite, até hoje ele é um instrumento de



Rafael Moura de Sá

Gilberto Medeiros é jornalista e blogueiro



Professor Valdelino:
“Com o grafite nasceram a religião e a medicina”

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

não é só obstáculo



Acervo pessoal

Fredone Fone rodou a América do Sul

consciência, é necessário como comer. Com o grafite nasceram a religião e a medicina”, ensina.

Valdelino ressalta a característica contestatória dessa expressão. “O grafite questiona valores como a propriedade e denuncia o mal-estar da civilização. Grafiteiro pinta na rua porque critica”, define.

Fora de casa quando fora da rua

Grafiteiros de longa data como Fredone Fone, 32, Jordão Somall, 27, Ficore Kabelera, 28, e Thiago

Balbino, 29, concordam com Valdelino sobre as definições de sua arte.

“Participar de exposições é muito válido, a gente não deve ter limites. Mas a casa do grafite é a rua”, contou Fredone.

Pintando desde 1995, esse skatista já usou seus traços para colorir cidades de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Chile, Uruguai e Argentina.

Instrutor do Centro de Referência da Juventude e do Centro de Referência Especializado de Assistência Social, Jordão Somall grafita desde 1997.

“Não gosto muito de exposição, o real grafite é na rua. Utilizo técnicas do grafite para ensinar, mas quando os alunos pintam com autorização, não é grafite”, definiu.

Prestes a embarcar para uma temporada de três meses pintando na Europa, Ficore tira o foco da pintura em si. “No meu entendimento, no grafite, o ato diz mais que a técnica. Quando passo por uma instituição, o que faço é fruto do que fiz na rua, mas não é o mesmo que faço na rua”, pontuou.

Balbino passou 2012 pintando na Alemanha e acha válido partici-



Acervo pessoal

Balbino acha válido participar de bienais

par de bienais. “Ainda não tive oportunidade, quem sabem um dia”.

Em Português, a palavra grafite tomou para si o significado de graffiti – do plural de graffito, palavra italiana para designar inscrições feitas em paredes desde o Império Romano. É uma inscrição caligrafada ou um desenho pintado ou gravado sobre um suporte que não é normalmente previsto para esta finalidade. Na ótica dos grafiteiros, o ato de grafitar necessariamente não pode contar com

CAPA

a anuência ou concordância do proprietário do suporte utilizado.

Coletivo 'Das Mina'

Grafito não é Clube do Boli-nha e menina entra e sai a hora que quiser. E na Grande Vitória elas são tão organizadas a pon-

to de fundar o coletivo 'Das Mina' que encontra-se periodicamente para discutir o feminismo e... grafitar.

"O coletivo está focado atualmente em produzir mais, participamos de eventos mas gostaríamos de mais trabalhos nas ruas. Estamos trabalhando para que isso se torne meio que uma rotina", contou Kika Carvalho, 21, aluna de Artes Visuais e estagiária do Hospital Adauto Botelho, é grafiteira desde 2009.

Karen Valentim, 19, que trancou a faculdade de Relações Internacionais, apesar de pintar há pouco mais de um ano, já assinou KRN ao lado de seus desenhos em vários muros de Vitória, Guarapari e, o mais recente, em Vila Velha. Sua atividade motivou o convite para participar da celebração ao Dia do Índio

promovida pelo Governo do Estado no Arquivo Público estadual.

"Tô sempre pensando no próximo. Agora 'tô olhando um muro de um prédio... analisando, depende do muro, do local, como fazer na hora de ir embora. Já tive de sair correndo para não ser pega", contou.

Maria Eduarda Gimenes, 21, transita entre a fotografia e o grafito. Aliás, a primeiro levou-a ao último: os amigos chamaram a menina para fotografar enquanto pintavam alguns pontos de ônibus de Vitória e estudante de Antropologia decidiu entrar por essa seara.

"Às vezes faço só minha assinatura (tag), depende do espaço, do momento... já fui pega e tive de pagar multa", revelou. "Hoje presto mais atenção, mas a gente fica com um muro na cabeça até conseguir pintar", confidenciou.

"Grafito levanta uma questão muito interessante, ligada à propriedade privada, da cidade capital, de retomada dos espaços "públicos". É a arte urbana, a arte da provocação, do cotidiano, e da resistência", filosofou a estudante de Arquitetura Maiara Dias, 20, que não participa diretamente do coletivo, mas apoia. ■

Saiba mais:

www.flickr.com/fredone-fone
www.flickr.com/ficore
www.facebook.com/jordao.somall
www.facebook.com/thiago.balbino.50
http://mariaeduardagimenes.tumblr.com/
www.flickr.com/photos/karenvalentim/
www.flickr.com/photos/kikacvieira/
www.facebook.com/maiaradiazz



Kika Carvalho e Maria Eduarda



Maiara Dias

“Grafite é mais o ato do que a técnica”

Ficore Kabelera, 28, é grafiteiro desde 1997. Formado em Publicidade e Propaganda, não exerce a profissão. Mas o grafite trouxe reconhecimento e ele foi convidado a ser coordenador de Atividades Externas do Centro de Referência da Juventude, em Vitória. Ele também é MC e canta rap free-style, quando a rima é feita na hora, e já se apresentou com Léo Gandelman e os roqueiros da Charlie Brown Jr.

Caderno D - Qual a novidade?

Ficore Kabelera – Fui selecionado pela produção do festival Espírito Mundo, eles me convidaram para seis participações do evento na Inglaterra e na Itália, a partir de junho. Vou participar de quatro eventos de arte em geral e dois de música. Quero aproveitar a temporada para fazer contato com os grafiteiros de lá. A ideia é ficar cerca de três meses na Europa e, se der, pintar algumas paredes – respeitando a condição de que estarei atrelado ao festival.

Qual é seu grafite mais recente?

Tô parado há mais de dois meses, mas fiz um em São Paulo e, na volta, pintei uma placa abandonada muita grande no

Bairrto de Fátima. Fiz junto com o Jordão Somall, que é da minha crew (galera, equipe).

Está parado há mais de dois meses por quê? Você não pinta com frequência?

Eu pinto sempre que dá, mas descobri uma lesão na coluna que já está em tratamento e o médico me afastou do trabalho e do grafite. Quase não saio, sinto muitas dores.

O que acha de grafite nas galerias e da Bienal do Grafite?

Grafite é na rua, é nos muros que a gente pinta sem permissão. É mais o ato político do que a técnica. Quando vai para uma galeria, uma bienal, quando é um muro que você pinta com permissão, não é grafite, é uma exposição que utiliza as técnicas do grafite.



Fotos: Acervo pessoal



DIVERSIDADE CULTURAL

O adeus dos *Italiani*

Trajétória da imigração italiana para o Espírito Santo

Em 1875, partia do porto de Havre (França) com destino ao Rio de Janeiro o “Rivadavia”, navio que trazia cerca de 400 passageiros. Eram em sua esmagadora maioria italianos com o sonho de encontrar no Novo Mundo o eldorado prometido por aqueles que organizavam a viagem intercontinental e que viam nos europeus oitocentistas homens fáceis de se persuadir. O “Rivadavia” era um dos primeiros navios a trazer imigrantes para o Espírito Santo. Assim como tantos outros, desembarcava seus passageiros no Rio de Janeiro para que fosse feita a quarentena na Ilha das Flores. Depois disso, os imigrantes tomavam seu destino em barcas, trens, a cavalo ou a pé, a depender de para qual parte do país eles iriam.

Como o fluxo migratório foi intensificando-se, a viagem passou a ter o seu trajeto facilitado. Muitos navios começaram a sair de portos italianos e passaram a desem-

barcar no próprio Espírito Santo. Os navios também aumentaram o quantitativo de passageiros. Há registros de que algumas embarcações traziam perto de 1600 colonos.

O resultado de todo esse processo migratório para o nosso Estado foi não menos que a própria reformulação do povo capixaba. Para se ter uma ideia, Luiz Serafim Derenzi salienta que em 8 anos (de 1870 a 1878) a população saltou de 53 mil para quase 97 mil habitantes.

A injeção de quase 70 mil¹ italianos na sociedade ao longo de décadas provocou uma mudança de hábitos: transformou a economia, promoveu novos modos

de uso e beneficiamento do solo, além de inserir novos padrões culturais e religiosos. Em famílias numerosas de 8, 10, 12 filhos, os italianos multiplicaram seu alcance sobre o Espírito Santo. Mais adiante, já no século XX, ocorre a miscigenação das famílias que an-



Kamila Brumatti Bergamini é professora, mestre em Estudos Literários e pesquisadora de narrativas modernas/contemporâneas.

Kamila Brumatti Bergamini
 kamilabrumatti@bol.com.br

10S há quase 140 anos

nto é elemento integrante da diversidade capixaba

tes não permitiam que seus filhos se casassem com “brasileiros”. O resultado foi a diluição dos limites etnográficos. Nos tornamos brancos negros, católicos sincréticos, latinos de ascendência europeia.

Passados 140 anos do simbólico adeus dos primeiros imigrantes, a Itália ainda é importante na diversidade cultural no Espírito Santo. E ao que se parece, não é e não será possível cortar os laços que unem nosso Estado ao país de Dante. Mesmo assim, é importante fazer uma ressalva, sobretudo no aspecto da história escrita de nosso povo. Apesar de centenária, a colonização italiana se desdobra até datas recentes. Ainda é comum encontrar capixabas que trazem frescas à memória histórias folclóricas dos “nonnos” e “nonnas”. Ao mesmo tempo em que essa proxi-

midade fortalece a identidade ítalo-capixaba do povo, faz crer que a imigração ainda não é passado suficiente para se tornar história escrita. As poucas publicações sobre o assunto perdem-se em edições extintas e de acessibilidade limitada. Entre o adeus italiano de fins do Século XIX e o homem capixaba dos dias atuais existe uma história que precisa ser contada e recontada nos detalhes, para que saibamos mais e melhor sobre nós e sobre nossa diversidade, que encontra nos italianos mais um de seus ingredientes. ■

¹Vale lembrar que desse montante, quase metade foi dizimada por doenças como a malária, o tifo, o tétano, e por condições precárias de existência. Muitos italianos morreram devido a picadas de cobra, afogamentos em rios e cachoeiras, além dos óbitos no decurso do trabalho árduo (quedas de cavalo, feridas de enxada, serretes, tornos e grupiões, esmagamento por engrenagens de moinhos, rodas d'água, engenhos, entre outros) nas fazendas isoladas do interior do Estado.

CULTURA PRESENTE

A *Inquietação*



Marcio Martins é ator, professor e assistente social

O que alimenta o viver? O que estimula a busca? O que proporciona o movimento contínuo de construção, mesmo quando não se tem uma elaborada consciência do que construir? Como pensar sobre o que realmente é desejado? Esses e muitos outros questionamentos estão presentes na cabeça da pessoa, sobretudo, na faixa etária denominada adolescência, ou, melhor ainda, a fase caracterizada como juventude.

As várias juventudes que convivem ou, se isolam, nessas relações sociais estabelecidas são pressionadas a ter um posicionamento. Esse ser jovem é pressionado a expor a defesa de uma idéia, de um

ideal, de uma forma de se colocar no mundo, de enxergar o mundo. Porém, é comum nos depararmos com o vazio. Nos questionamentos e não nas respostas que sustente um posicionamento. Ou, mais comum ainda é nos depararmos com mudanças muito rápidas sobre o que escolher, o que defender, o que pensar. Momentos de difíceis deliberações, por não ter sido possível elaborar uma decisão diante da pressão contínua.

O que pode despertar e criar a construção de novas possibilidades nesses momentos de grandes questionamentos característicos nas juventudes? A arte. A construção através da arte. O estímulo-



Marcio Martins

ufesadio@yahoo.com.br

O me faz criar

lo que a criação, a arte, em suas várias formas de linguagens pode proporcionar e assim, preencher, prazerosamente, o viver de uma pessoa, provocando o estudo e a busca por respostas.

Nesse caminho de estímulos, buscas, estudos, aproximações e experimentações, esse ser vai se construindo e podendo assumir posicionamentos conscientes, argumentados por justificativas coerentes. O vazio sendo preenchido ou, idéias sendo substituídas, modificadas, repensadas, já que passa a haver continuamente provocações a partir da criação, a partir das artes.

Através da descoberta do mundo da arte, através do envolvimento

com esse mundo de liberdade, criações e possibilidades, as relações vão sendo construídas, reconstruídas e solidificadas ao longo do caminhar. As dúvidas iniciais vão tendo contornos de entendimentos, os estudos vão ganhando sentidos, a possibilidade de ocupação de um espaço vai ficando maior, a admiração por pessoas que provoca esse pensar vai se ampliando. E passa a poder sonhar, idealizar, sentir que é possível estar dentro de uma política cultural, que até então, pelo desconhecimento e distanciamento, não fazia relação com sua vida.

O mágico acontecimento com o mundo da arte e da criação sendo viabilizado junto às pessoas por

projetos que aproximam, em todas as regiões, o estudo sobre linguagens dentro da comunicação, no intuito de expandir conhecimentos, de ampliar as possibilidades de escolhas, já que passa a ser oferecida para que haja experimentações, e assim, possivelmente um posicionamento diante da aproximação de preenchimento em sua vida, ou não, havendo novas experimentações e construções com o que lhe provocar identificação.

A arte, qualquer que seja sua forma de expressão é uma gigantesca ferramenta de intervenção social, por ampliar e alimentar o desejo da criação e assim, da construção contínua do ser social. 

Fotos: arquivo Secult



MÚSICA

Música *Capix*

Compositores, poetas, instrumentistas, cantores e afins, se multiplicam nas esquinas daquela, “Avenida Espírito Santo da ilusão”. Escolas e faculdades amplificam ainda mais a demanda e a orquestra maravilhosa de loucos já é visível nas calçadas, ruas, becos e praças. A música do mundo, produzida nesse pedaço de planeta, é safra das melhores e tem passado de inquestionável robustez, desde que o garoto Maurício resolveu desafiar o mundo, cantando a paz com seu divino violão.

Nos bastidores de outrora, os auditórios de rádios aplaudiam a

diva Maria Cibele e quantos adentravam o salão para o ritual de encantamento, ao som dos acordes do conjunto do Helio Mendes, pioneiro do vinil: a música capixaba é um espetáculo!

Guarapari cedeu prostrada à psicodelia dos Mamíferos e um Aprígio Lyrio mudava o curso do Rio, em show antológico no Teatro Opinião, incluindo canções do bom a beça Chico Lessa. Flavio y Espírito Santo incomodava as ruas de Santa Tereza no Rio de Janeiro e no baú do Sergio Sampaio, um tesouro de incontestável genialidade, que o Brasil cantou e o Espírito



Carlos Papel é cantor, compositor e produtor musical



Carlos Papel
 carlospapel@gmail.com

capixaba contemporânea

Santo continuou incrédulo, ao invés de colocar o bloco na rua.

Começo dos anos 80 e as ruas do centro protegiam as criações do Zé Antonio, com seus acordes metafóricos, Fábio Teixeira de violão irrepreensível no paiol e quantos poetas, roça de milho cheia de vocais e janelas abertas para o vento sul, sopro de energia pura dos guetos capixabas, enquanto o apimentado compositor João, teimava em cantar as belezas do Espírito Santo, Guto Neves abraçava Lula contra a correnteza e Carlos Bona costurava a vida sem lero lero.

As elétricas guitarras de tamborres Manimais, abriam os anos 90 decretando as misturas. Rockcongo, Regcongo e o que mais viesse.

Macucos, maratimbas, catraieiros, astronautas, venham todos, a música do Casaca vai tocar em Marte, de novo o bloco vai continuar em casa, ninguém se mexe para ventar a novidade aos quatro cantos. Então que os acordes Moxuaras nos protejam.

Tantos quantos fartos nomes ficarão faltando aqui nesse pedaço de texto, mas se a memória não foi escrita, fica aqui a sugestão, que a escrevamos nós, contemporânea missão que deve ser saboreada por cada qual a conheça. Façamos então uma oração a São Pedro Caetano e vamos com ele anunciar a novidade de Zé Moreiras, Freitas,

Jonias, Zorzais e quem vier mais. Este é o sonho, aquele dos olhos abertos, quando nem tínhamos nos preparado para dormir.

Para toda essa gente boa, que sofre o pão para nos dar o circo, aquele abraço da emoção e a gratidão pela alegria gerada e para quem comanda o volante da caravana e pode dar a direção, espero sinceramente que vista a carapuca de suas atribuições e mude o rumo dessa prosa. Assim escreva a nova história da amada música contemporânea capixaba, que já é cheia de vigor, mas precisa de vitamina. 



ARTES VISUAIS

A produção e o circuito das

O Espírito Santo foi uma das províncias mais pobres do Brasil colonial e coube às suas florestas, montanhas e índios, por deliberação da coroa portuguesa, o triste papel de dificultar o acesso por terra ao ouro das Minas Gerais. Da manutenção da barreira natural decorreu o abandono das regiões interiores e a construção tardia de vias de acesso. As consequências históricas foram a estagnação econômica e o isolamento cultural, mantidos por longos anos e cujas sequelas são sentidas ainda hoje.

Uma delas corresponde ao escasso suporte para a produção e circulação de bens culturais. No entanto, no que se refere às artes visuais, é possível dizer que algumas transformações alentadoras se deram ao longo dos últimos vinte anos, afetando positivamente o processo de formação dos artistas locais e ampliando significativamente as demandas sociais por bens e ações culturais que contribuem para viabilizar a atuação desses profissionais.

Nesses últimos vinte anos, o Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo - principal núcleo local de formação de artistas visuais - absorveu



Lincoln Guimarães Dias é artista plástico, doutor em Comunicação e Semiótica - PUC/SP - e professor do Departamento de Artes Visuais - UFES



Obras de Elpidio Malaquias

pouco a pouco as discussões e práticas conceituais contemporâneas ligadas à fotografia, vídeo, performances e instalações, ao lado dos já existentes ateliers modernistas de pintura, escultura, desenho e gravura. Com isso, a formação se diversificou, se atualizou e se tornou mais próxima de uma paradigmática predominante na contemporaneidade. A produção dos artistas mais jovens apresenta evidentes sinais desta transformação.

Lincoln Guimarães Dias

lincoln-guimaraes@uol.com.br

artes visuais no Espírito Santo



Fotos: arquivo Secult

Algumas instituições e iniciativas públicas e privadas, vêm cumprindo importante papel de divulgação, debate e fomento. Hoje, o Museu de Arte do Espírito Santo (MAES) e o Museu da Vale são dois dos mais significativos espaços do Espírito Santo ligados à exibição e discussão crítica de produções locais, nacionais e internacionais. Os editais de incentivo à produção cultural da Secretaria de Estado de Cultura, cujo

teor amadurece a cada ano, estimula e dá suporte material à produção e contribui para o amadurecimento profissional dos produtores locais.

Essas e outras conquistas não representam pouco, mas muitos desafios estão ainda por ser enfrentados: faz-se necessário, por exemplo, uma política local de aquisição e formação de acervos públicos de obras de arte. A esse respeito, é notória a desproporção entre a monumentalidade do

projeto do Cais das Artes e a inexistência dessa política. Por outro lado, o MAES, recentemente, adquiriu uma significativa coleção de desenhos e pinturas de Elpidio Malaquias, uma notícia que merece ser comemorada. Mas este é, ainda, um fato isolado. É imprescindível uma ação abrangente e integrada, que tenha por finalidade dotar os nossos museus – atuais e futuros – de um verdadeiro e representativo acervo permanente. ■

FOTO

Vinicius Oliveira

vinicioliv3@gmail.com



Praia da Concha
Barra do Jucu - Vila Velha-ES